

AGRICULTURA

# Área de cultivo do arroz deve cair 10% nesta safra

**Levantamento do Irga aponta intenção de semeadura de 862,4 mil hectares com o cereal no Estado, como alternativa à oscilação de preço**

**Claudio Medaglia**  
 economia@completaraquioemail

Soja avançando sobre as lavouras de arroz é o que se verá nesta safra gaúcha de verão. O movimento, que deve provocar redução de 10% na área cultivada com o cereal em relação ao período 2020/2021 e aumento de 19,7% nas terras destinadas à commodity, é estratégico e visa a buscar maior rentabilidade na produção de grãos.

Não à toa o anúncio foi acolhido positivamente ontem, na Expointer, durante o lançamento da 33ª Abertura da Colheita de Arroz e Grãos em Terras Baixas, pela Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz). O evento será realizado de 14 a 16 de fevereiro de 2023, na Esta-

ção Experimental Terras Baixas da Embrapa Clima Temperado, em Capão do Leão.

Conforme o presidente do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), Rodrigo Machado, o plantio de arroz no Rio Grande do Sul deverá ocupar 862,9 mil hectares, ante os 957,1 mil hectares colhidos neste ano. No sentido contrário, os produtores pretendem depositar sementes de soja sobre 505 mil hectares em áreas tradicionalmente ocupadas com o cereal, o que corresponde a 83 mil hectares a mais sobre o cultivado em 2021, principalmente na Fronteira Oeste, onde o crescimento dessa cultura será de 42%.

No cerne dessa mudança está a elevação dos custos de produção, associada a uma incerteza de valorização do arroz após a colheita. O tema foi recorrente no evento em Esteio, tendo sido abordada pela Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul) como pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag/RS).

O dirigente da Fetag, Carlos Joel da Silva, lembrou que as

dificuldades enfrentadas pelo setor arroseiro seguem um roteiro semelhante ao verificado na cadeia leiteira, que acabou por quase triplicar os preços ao consumidor neste ano sem beneficiar o produtor. “Já vimos isso acontecer antes e alertávamos naquela época. Agora a situação vem se repetindo com o arroz. Precisamos todos buscar uma solução conjunta”, disse Silva.

Mas foi o arroseiro e presidente da Farsul, Gedeão Pereira, quem deu o primeiro sinal sobre a tendência de alteração na área plantada.

“Muitos me perguntam como vamos enfrentar o problema do baixo preço do arroz. Tivemos um refresco durante a pandemia, quando vendíamos a saca de 50 quilos a R\$ 38,00. De repente, foi a R\$ 70,00 e chegou a R\$ 110,00. A resposta que dou é diminuir a área plantada. Simples assim.”

De acordo com o pecuarista, há alternativas para substituir a lavoura de arroz por produtos que têm demanda no mercado internacional, como o milho e a soja irrigada. Nesse contexto,



Em coletiva, dirigentes falaram sobre produtores multissafras

Pereira exaltou o Programa Duas Safras, concebido pela Farsul, Senar-RS, Embrapa, Associação Brasileira de Proteína Animal, FecoAgro e Associação Gaúcha de Avicultura, que tem como meta ampliar 40% a produção agropecuária gaúcha, gerando um impacto de 7% no PIB do Estado, a partir da análise das características de cada região.

“Por isso comemoro esse conceito do arroseiro como produtor multissafras, difundido aqui pela Federarroz. Para pensarmos no futuro da lavoura

de arroz temos de apostar na diversificação”, completou Pereira.

Para o presidente da Federarroz, Alexandre Velho, a ideia de um produtor multissafras, e não mais apenas de arroz é resultado da percepção da necessidade de adaptar a propriedade às culturas que mais servirem para cada caso específico.

O líder arroseiro lembrou ainda que o Programa Duas Safras chega em um momento fundamental, quando os custos de produção da atividade orizícola exigem medidas alternativas.

Conteúdo produzido pelo **Núcleo-i** para Cotribá  
 Conteúdo multimídia patrocinado

## Cooperativa mais antiga do Brasil tem sua história retratada em livro

Foi lançado na Casa Cotribá, na Expointer, na manhã de ontem, o livro Cotribá 110 anos. A publicação de cerca de 300 páginas narra a história da mais antiga cooperativa do Brasil, que conta hoje com mais de 8,2 mil associados.

“É uma história fantástica, nunca houve interrupção. Era uma cooperativa de consumo, hoje de grãos, e está aí com esse potencial. Faz um trabalho muito forte, principalmente, na região Sul e na Metade Sul, onde abraçou os produtores”, avalia o presidente da Cotribá, Celso

Leomar Krug, que vê o agro como a saída do Brasil.

O livro foi escrito por Enio Cezar Moura do Nascimento, vice-presidente da Cotribá, e Marcela Prass Shaefer. Nascimento avalia que o lançamento é um marco para a Cotribá e destaca que documentos escritos em 1911 foram reproduzidos nas páginas do livro.

“Queremos que o Rio Grande conheça que há um marco do cooperativismo nacional dentro do Estado”, diz o vice-presidente. Marcela frisa que o texto é claro e di-

dático. “A ideia é que a pessoa chegue em casa e leia cada dia um pouco, com calma”, esclarece.

O evento foi muito prestigiado, com o estande lotado. Entre as presenças, estavam o presidente do Sistema Ocergs, Darci Pedro Hartmann; o presidente da Fecoagro, Paulo Pires; o presidente da Cotribá, Celso Leomar Krug; e o prefeito de Quinze de Novembro, Gustavo Stolte. A obra, distribuída gratuitamente, será apresentada, ainda, na Feira do Livro de Porto Alegre deste ano.



Enio, Marcela e Celso apresentaram a publicação na Expointer